

## **AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS NO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO – UMA EXPERIÊNCIA INTERACIONISTA.**

*ANDERSON MOREIRA PASSOS<sup>1</sup>; ANDRÉA CUNHA MESSIAS<sup>2</sup>; BEATRICE RIBEIRO GAVAZZI<sup>3</sup>; JOÃO PEDRO RODRIGUES DA CONCEIÇÃO<sup>4</sup>; SUSAN REGINA CAETANO GARCIA<sup>5</sup>; DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>6</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andersometaleiro@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – beatrice.gavazzi@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – joperoco@hotmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – sugarcia755@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca divulgar os resultados das ações extensionistas realizadas no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), no período de março a maio de 2015, por intermédio do projeto “Museu Morro-Redondense: Espaços de Memórias e Identidades”.

As ações educativas desenvolvidas no MHMR, localizado na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul, foram planejadas de forma conjunta com a comunidade Morro-Redondense. O principal objetivo das ações desenvolvidas foi incentivar a participação efetiva dos moradores locais, visto que muitos deles, inclusive os idealizadores do Museu, estavam se afastando gradativamente da Instituição.

Fruto das trocas de ideias entre os integrantes do projeto de extensão e os membros da comunidade, nomeadamente a Associação de Amigos da Cultura, elaboramos uma minuta de projeto de ação comunicativa. Nessa proposta, mais do que a temática da ação, o fio condutor e principal motivador seria justamente legar aos reais interessados o protagonismo das atividades patrimoniais. Como inspiração, consideramos o que sugere a Declaração de Caracas:

O processo de comunicação não é unidirecional, mas um processo interativo, um diálogo permanente entre emissores e receptores que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuos e evita a possibilidade de manipulação ou imposição de valores e sistemas de qualquer tipo (CARACAS, 1992).

Após uma série de reuniões geramos conjuntamente o conceito central da exposição: os bailes ocorridos no município em épocas pretéritas. Toda a fase de concepção e produção da exposição ficou sob a responsabilidade da comunidade local - que, de forma interativa, demonstrou intenso envolvimento com a atividade, contribuindo com a doação de fotografias, o empréstimo de objetos e a organização da exposição. A nós, coube o aprendizado fruto da observação e da tímida participação da equipe no processo, apenas como mediadores.

A montagem da exposição, sob uma perspectiva interacionista, visa, sobretudo, dar importância ao processo de construção da exposição. A

experiência vivenciada no MHMR está ancorada na perspectiva interacionista sistematizada pela Museóloga e Educadora de Museu, Marília Xavier Cury:

Essa perspectiva procura a interação entre a mensagem e o visitante, própria do encontro de partes que negociam o significado da mensagem. O emissor e o receptor existem, mas ambos são enunciadore e enunciatários, indivíduos e sujeitos, posto que cada uma das partes, a seu tempo, apropria-se de discursos que circulam em seu meio, reelabora-os e, então, cria os seus próprios discursos. [...] A proposta do processo comunicacional não está na mensagem e sim na interação, espaço de encontro entre emissor e receptor, de negociação e estruturação do significado, de construção de valores e, por que não, questionamentos, diferenças e conflitos (CURY, 2005).

Por esta ótica, compreendemos também que uma ação educativa não é apenas o produto, mas o processo como um todo, construído de forma cooperativa. Quebra-se, portanto, a lógica que o museu ensina e a comunidade aprende; que o museu fala e a comunidade escuta; que o museu produz e a comunidade consome. Acreditamos que, somente desse prisma, o patrimônio tem ressonância dentro de determinado contexto de ação.

## **2. METODOLOGIA**

A significação simbólica dos bailes ocorridos no passado para a comunidade Morro-Redondense propiciou a saída em campo da equipe do Projeto para a busca de relatos orais como pressupostos metodológicos do presente trabalho. Mais do que objetos, importamo-nos com os discursos, com as memórias e com a subjetividade dos bailes, sobretudo para os idosos.

A temática escolhida também incentivou a realização de pesquisas bibliográficas sobre os bailes ocorridos na zona rural adjacente ao município de Morro Redondo, devido às semelhanças existentes entre eles.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo de construção e a inauguração da exposição-teste demonstraram que ela não foi um fim em si mesma, pois, acima de tudo, constituiu uma oportunidade para provocar a interação das pessoas, criando assim um ambiente de reflexão e evocação de memórias. Por tabela, aumenta a evidência do Museu na Cidade, gerando novas possibilidades de representação e uso dos patrimônios.

Partimos da premissa que os objetos, quando deslocados para o cenário museológico, sofrem também um deslocamento de olhar por quem os mira, na medida em que à sua função primeira (utilitária), são anexadas nova funções de natureza simbólica. Os objetos passam, então, a ser símbolos de uma realidade ausente, servem como pontes para o invisível na medida em que “mostram-se companheiros emocionas e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias”. (DOHMAN, 2013).

Na esteira dessa ação, outras manifestações simbólicas se materializaram de forma inesperada. A título de exemplo, os senhores que fazem parte de diferentes bandas de músicas locais, decidiram se unir para fazer uma

apresentação musical na inauguração da exposição- teste, no dia 12 de maio de 2015. Outro resultado imediato apresentado durante as reuniões com a comunidade foi a formação de um grupo idosos que, juntamente com a Professora Rutilde K. Feldens, do Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim, propuseram-se a realizar a Caminhada da Percepção. Essa proposta, complementar ao da exposição, teve como objetivo despertar nas crianças o olhar patrimonial sobre a paisagem existente nos arredores do Museu e conhecer a biografia de importantes pontos de memórias da localidade.

Por essa via, ancorados em Joel Candau, compreendemos os objetos como sociotransmissores, na medida em que elementos tangíveis (no caso os edifícios e outros elementos urbanos) ou intangíveis (as narrativas) favorecem as conexões e são indispensáveis para a transmissão memorial e a construção das identidades (Candau, 2009). Do mesmo modo, cremos que a relação empreendida entre os objetos e os sujeitos:

Alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. Objetos ou coisas sempre remetem lembranças de pessoas ou lugares, **de uma simples fotografia até um marco arquitetural**. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (DOHMAN, 2013. Grifo nosso).

A Caminhada da Percepção, além da presença dos idosos e da professora referida anteriormente, contou com a participação da turma do quarto ano do Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim e da equipe do Projeto de Extensão.

Durante as atividades envolvendo o encontro intergeracional foi ressaltada a importância da memória coletiva enquanto patrimônio local. Esta iniciativa está de acordo a ideia de Peter Van Menesch, ao afirmar que “(...) existe também o patrimônio vivenciado por grupo de pessoas como memória coletiva; patrimônio que não é, pelo menos ainda, institucionalizado” (MENESCH; 2006).

Visando incentivar a interação entre as crianças, os idosos e o MHMR foi realizada, no dia 23 de maio, uma Roda de Conversa no Museu - momento que contou com a apreciação da exposição e reflexão sobre os bailes; apresentação de músicos locais; e degustação de um lanche produzido pelos participantes da ação e que representava o saber-fazer local, relacionando-o ao café colonial oferecido nos bailes de outrora. Todos esses elementos, que extrapolam a linguagem museográfica, adentram no campo simbólico, do significado que esses costumes assumem nesse contexto cultural.

Nesse sentido, pensamos que:

É a linguagem que engendra o invisível. [...] Sobretudo, a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. [...]. **A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto de enunciados que**

**falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão.** (POMIAN, 1984. Grifo nosso).

Compreendemos, nesse contexto, que a ação educativa coloca a pá de cal na ideia de que se trata de um produto elaborado para educar pessoas. Todo o processo é frutífero se observarmos do ponto de vista relacional e cooperativo. Do mesmo modo, o patrimônio só é realmente ativado se observado de forma crítica e para além da manifestação material do objeto (para sua dimensão metafísica). Neste caso, o caminho encontrado foi o diálogo entre as gerações.

#### **4. CONCLUSÕES**

O processo de construção das ações educativas desenvolvidas no Museu Histórico de Morro Redondo em conjunto com a comunidade serviu para demonstrar que dar protagonismo aos atores-sociais foi o fator relevante para o retorno da comunidade ao espaço museal.

A prática do escutar e o desenvolvimento da comunicação entre o Museu e a comunidade contribuíram para a construção de diálogos bilaterais efetivando de fato a comunicação no espaço museológico.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1., n.1., jan/jul 2009.

CURY, M.X. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12 (suplemento), p.365-380, 2005.

DOHMAN, M. **A Experiência Material: a Cultura do Objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

MENSCH, P.V. Notas sobre os arredores: patrimônio e novas tecnologias', In: **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia** 4, 2009, (4): 11-23.

POMIAN, K. Coleção. In: GIL, Fernando (org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.

PRIMO, J.S. **Pensar Contemporaneamente a Museologia**. Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1999. Acessado em 9 de abril de 2015. Disponível em: [http://www.minom-icom.net/\\_old/signud/DOC%20PDF/199901104.pdf](http://www.minom-icom.net/_old/signud/DOC%20PDF/199901104.pdf)

SANTOS, M.C. Museu e Educação: conceitos e métodos. **AULA INAUGURAL DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP**, proferida na abertura do Simpósio Internacional "Museu e Educação: conceitos e métodos", realizado no período de 20 a 25 de agosto de 2001.